



SABEDORIA ORIENTAL NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES: UMA NARRATIVA DA PESQUISADORA

Rita Tatiana Cardoso Erbs

Resumo:

O presente artigo apresenta uma parte dos resultados teóricos e práticos de um plano de pesquisa de Pós-doutoramento do programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O plano de trabalho que resultou neste artigo apresentou uma proposta para o desenvolvimento de atividades de pesquisa na modalidade Pós-doutorado instituída pelo CNPq. O objetivo deste artigo é descrever, discutir e iniciar uma reflexão sobre como a sabedoria oriental pode fundamentar e influenciar a prática docente e a formação docente para uma cultura de paz. O impulso investigativo inicial decorreu do desejo de compreender como uma pedagogia fundamentada na sabedoria oriental, mais especificamente denominada pelo organizador da proposta pedagógica como “Pedagogia da Sabedoria dos Cinco Dhyani Budas” influenciaria e transformaria o fazer docente de professoras e professores que integram uma escola de Educação Infantil, no Brasil, com princípios budistas. Este artigo inicia a discussão da influência oriental na cultura do Rio Grande do Sul a partir da comunidade budista do município de Viamão e do educador, Lama Padma Samten.

Palavras-chave: sabedoria oriental – formação de professores – histórias de vida

*Nunca soube de ninguém que tivesse
recompensa sem estudar ou que alcançasse a
realização sem praticar. Zenji Dogen
(SCOTT,2001.p.88)*

O presente artigo apresenta uma parte dos resultados teóricos e práticos de um plano de pesquisa de Pós-doutoramento do programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O plano de trabalho que resultou neste artigo apresentou uma proposta para o desenvolvimento de atividades de pesquisa na modalidade Pós-doutorado instituída pelo CNPq.

O projeto, inicialmente, com o título: A sabedoria dos Budas e a (trans)formação de professores na Educação Infantil, integra estratégias de ação a serem desenvolvidas junto ao Grupo de Pesquisa Profissionalização Docente e Identidade, da FACED – PUCRS. O objetivo

deste artigo é descrever, discutir e iniciar uma reflexão sobre como a sabedoria oriental pode fundamentar e influenciar a prática docente.

O impulso investigativo inicial decorreu do desejo de compreender como uma pedagogia fundamentada na sabedoria oriental, mais especificamente denominada pelo organizador da proposta pedagógica como “Pedagogia da Sabedoria dos Cinco Dhyani Budas” influenciaria e transformaria o fazer docente de professoras e professores que integram uma escola de Educação Infantil no Brasil com princípios budistas.

O início do projeto de pós-doutorado e todas as ações posteriores só foram possíveis a partir da receptividade e aceite da comunidade budista como um todo, o que incluí a escola de educação infantil. A partir da minha aproximação da comunidade budista tive o apoio a orientação do Lama para observar a escola, participar de reuniões de professores, da equipe diretiva, da orientação pedagógica e da formação de professores. Com a minha inserção na comunidade acompanhando e participando de palestras, retiros, grupos de estudos de ensinamentos budistas, ao final do primeiro ano de pesquisa já conseguia me sentir como um integrante da comunidade que participa das ações deste grupo e que contribui com a propagação dos ensinamentos budistas.

Cruzar a educação e os princípios budistas faz parte da minha motivação pessoal e pela primeira vez, com a oportunidade de pesquisa do pós-doutorado, pude estudar, observar, registrar e compreender os ensinamentos budistas por meio de um contexto educacional em que estes estão sendo aplicados, tanto no dia-a-dia de uma escola de educação infantil, quanto na formação dos professores, a partir das narrativas de seus idealizadores e propagadores.

O intercâmbio dos conhecimentos da filosofia budista, a partir da Escola Caminho do Meio com um grupo de pesquisa acadêmico com interesse na formação docente fomentou a curiosidade investigativa de ambos. Desde o primeiro momento na apresentação da proposta para a professora a professora orientadora, e posteriormente com as minhas contribuições no grupo relatando a pesquisa, o interesse dos colegas e de minha orientadora, impulsionaram a minha busca de compreensão e o andamento da pesquisa. Assim como o interesse e a receptividade das pessoas que compõe a Escola Caminho do Meio foram imediatos, também me motivando e favorecendo a minha inserção na comunidade.

O grupo de pesquisa Profissionalização Docente e Identidade mostra-se receptivo e atento às diversas formas de construção de identidades docentes, visto que mesmo tendo como referência o Rio Grande do Sul, forma rede com grupos da Bahia, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, no Brasil, e com conhecidos pesquisadores de diferentes países, como Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Dinamarca, Israel, Itália, por meio da Associação

Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, criada no âmbito do III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica. Como participante do grupo de pesquisa também tive a oportunidade de apresentar a pesquisa no II Encontro Preparatório do V CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa Auto-biográfica) e também pude perceber a receptividade de diferentes colegas pesquisadores em relação ao assunto e em relação a forma com que pesquisa está se estruturando e também ao relato das transformações pessoais que esta inserção tem exigido para a compreensão da pesquisadora.

Um sonho concretizado: A escola de Educação Infantil Caminho do Meio

A pesquisa sobre educação, filosofia budista, sabedoria dos budas, pedagogia das cinco sabedorias só se torna possível a partir da concretização do projeto da escola que surgiu do desejo da Comunidade Padma Samten. A comunidade existe desde 1998 na estrada Caminho do Meio no município de Viamão/RS.

A Escola de Educação Infantil - Caminho do Meio iniciou seu funcionamento em 2009. É uma escola de Educação Infantil que tem como norte a Educação para a Paz, sua metodologia de trabalho foi estruturada pelo Lama Padma Samten, denominada de Pedagogia das Cinco sabedorias. Os preceitos Budistas impregnam todo o funcionamento da escola e também a formação dos seus educadores.

Na sua apresentação para a comunidade em geral, seja no site, explicações para os pais e professores ou em momentos de encontros educacionais, são enfatizados os aspectos:

- Pedagogia das Cinco Sabedorias
- Cultura de Paz no currículo da educação
- Todos como alunos
- Diálogos da Educação
- Formação dos educadores
- Alimentação Vegetariana

A Escola Infantil Caminho do Meio é uma das iniciativas do Instituto Caminho do Meio que tem como objetivo difundir os ensinamentos budistas como forma de praticar, divulgar e incluir a cultura de paz na sua relação com comunidades, escolas e empresas, localizando sonhos ou aspirações positivas, potencializando as lideranças já presentes e melhorando suas relações.

Para compreender a proposta do Instituto Caminho do Meio é necessário perceber que as proposta de educação e difusão da cultura de paz da Escola Infantil Caminho do Meio estão estreitamente ligadas ao conjunto de ensinamentos budistas, o Dharma; aos praticantes que no seu cotidiano tomam como desafio aplicar os ensinamentos ao se relacionarem com o mundo,

a Sanga; ao ícone de sabedoria e meditação, o Buda e aos desejos e aspirações do orientador espiritual, o Lama Padma Samten.

Segundo, Usarski (2002), a história da difusão do budismo no Brasil, inicia com a imigração Chinesa, ainda no período colonial, mesmo tendo a importância de serem os primeiros, poucos registros históricos se tem sobre a influência do budismo na população brasileira. Os dados são de anos mais tarde com a imigração japonesa, a partir de 1908, desta data em diante, temos registros de atividades budistas no Brasil, mas a institucionalização só veio após a Segunda Guerra Mundial. A década de 50 é considerada a época dos templos e instituições, tanto que em 1958 foi fundada a Federação das Seitas Budistas no Brasil. O budismo chinês teve o seu primeiro templo inaugurado em 1961 em São Paulo. Atualmente os estados do Rio de Janeiro e São Paulo são grandes difusores da cultura chinesa, japonesa e coreana incluindo os aspectos religiosos das várias linhagens do budismo.

No Rio Grande do Sul a difusão do Dharma passa por intelectuais que já na década de 80 tinham a sua atenção voltada para a filosofia budista, desvinculados dos aspectos religiosos.

Um exemplo desta questão é o professor de física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Alfredo Aveline que na década de 70 conheceu Celso Marques, em função do movimento ecológico, e através dele iniciou o seu aprendizado em relação à filosofia budista.

Em 1986, Aveline abriu uma sala de meditação que veio a ser um Centro de Estudos Budistas. Com a intensificação das atividades do Centro de Estudos Budistas, Aveline contribuiu para a organização do I Ciclo de Debates sobre o Pensamento Budista e fundou a Editora Paramita responsável pela difusão dos ensinamentos por livros e pela revista Bodisatva – o olhar budista.

Em 1992, Sua Santidade Dalai Lama, veio pela primeira vez ao Brasil e com a iniciativa de Aveline foi possível a visita do Líder Budista à capital gaúcha.

Para o Rio Grande do Sul a história do budismo como filosofia e religião vem sendo traçada com maior ênfase a partir da vinda do Lama Chagdud Tulku Rinpoche. Um Lama tibetano que no ano de 1993 escolheu o Brasil e instalou-se, inicialmente, na capital gaúcha. Em 1995 o Lama Chagdud Tulku Rinpoche mudou-se para o município de Três Coroas e construiu o primeiro templo tibetano tradicional o Chagdud Gonpa Khadro Ling. Em 1996, o professor Aveline recebe o título de Lama Padma Samten, o primeiro aluno ordenado por Chagdud Tulku Rinpoche.

No ano de 1997 ocorre a mudança do Centro de Estudos Budistas para a cidade de Viamão, onde passou a chamar-se Centro de Estudos Bodisatva a atividade do Lama Padma Samten como orientador espiritual e difusor dos ensinamentos budistas deu origem a 23 Centros, de Estudos Budistas Botisatvas no Brasil e um no Uruguai.

O Lama Padma Samten desde 2008 iniciou o projeto do Instituto Caminho do Meio, como uma associação sem fins lucrativos, localizado em Viamão-RS.

Segundo o Lama Padma Samten o Instituto Caminho do Meio surgiu da percepção de que somos completamente dependentes do mundo vivo ao nosso redor e também do mundo material. Quando vemos o quanto precisamos dos outros, começa a surgir a noção de interdependência, ou seja, de que somos inseparáveis. Para preservar nossas vidas, precisamos preservar as vidas dos demais seres. O Lama segue alertando que tudo o que fizermos para o mundo vai produzir resultados sobre nós. Tem-se por prática habitual tomar o treinamento em habilidades para a geração de renda como solução para a vida. Essa ação é muito útil e importante, mas considerar a geração de renda como um objetivo em si é um engano. Isso apenas mantém o processo atual que nos coloca na dependência das situações externas e não nos traz felicidade.

Para o Lama Padma Samten a educação em cultura de paz pode nos trazer o equilíbrio dentro do contexto em que vivemos. Para gerar ações transformadoras o Instituto inclui a cultura de paz na sua relação com comunidades, escolas e empresas, localizando sonhos ou aspirações positivas, potencializando as lideranças já presentes e melhorando suas relações.

O Instituto Caminho do Meio foi constituído juridicamente no ano de 2008 por iniciativa do Lama Padma Samten, presidente do Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), e seus alunos como suporte às atividades de cultura de paz desenvolvidas desde 2002. Foi qualificado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) pelo Ministério da Justiça em agosto de 2009.

As ações almejadas pelo Instituto estão em prática com a Escola Infantil Caminho do Meio, o apoio ao Nascer e à Casa da Sopa na comunidade do Jardim Castelo (Viamão-RS), a Série Diálogos, cursos e seminários formando facilitadores em cultura de paz, e produção e sistematização de conhecimento sobre o tema. Como parte de um planejamento futuro o Centro de Cultura Caminho do Meio, que oferecerá atividades abertas a toda comunidade e também a ampliação da escola com Ensino Fundamental e Médio

Neste contexto do Darma, da Sanga, do Buda e do Lama é que surgiu a motivação para estudar, compreender e registrar a partir das histórias de vidas dos educadores desta

comunidade escolar a trans(formação) sentida, experimentada e vivida no cotidiano da Escola Infantil Caminho do Meio.

Os caminhos da pesquisadora

Os caminhos começaram a se definir ao término do doutorado, encontrava-me em um momento que Josso (2004) denomina de “momento charneira”. Momento de decidir, de tomar para si a vida e começar um projeto de si. Neste momento eu era professora da Universidade de Caxias do Sul, um município distante 120 km da cidade onde moro. Após oito anos de uma rotina de viagens constantes, preparação de aulas, reuniões e tudo que envolve um professor universitário, o meu desconforto com a distância de casa, do meu marido e filhos começou a pesar. Era como se tudo que havia mobilizado a minha busca profissional estivesse cessado. Não me agradava mais não participar ativamente da vida da minha casa, meus filhos ainda eram pequenos, um menino com cinco anos e uma menina com 9 anos e eu estava sempre muito ocupada profissionalmente para participar das ações do colégio ou de organizações do dia-a-dia.

Eu realmente estava em um momento de crise como coloca Josso (2010) *crise é um momento de flutuações nos compromissos em andamento, de dificuldades relacionais. Mas ao mesmo tempo, para sobreviver, é preciso ir adiante.* (p.182) Para ir adiante algumas decisões precisavam ser tomadas, o afastamento da universidade foi uma ótima opção.

Precisava parar, redefinir, assim como exposto por Josso (2010) *de minha parte eu tinha uma necessidade de isolamento e de calma; eu procurava como viver essa crise ou essa renovação.* (p.182)

Neste momento de escolha a opção foi ficar quieta, esperar, aproveitar o tempo. Moro em Viamão/RS e na cidade existe uma Comunidade Budista que até então era frequentada por mim em situações específicas, em função de alguma palestra do lama do meu interesse.

Retomar as questões espirituais foi uma escolha, na verdade perceber a oportunidade de conviver com maior intensidade com um Lama e com uma comunidade formada sob as orientações dos preceitos budistas eram aspectos que me pareceram auspiciosos para uma renovação. No ano de 2009 eu comecei a freqüentar a comunidade e aproveitar todas as oportunidades de aprendizagem que ela oferecia, grupos de estudos, leituras, palestras. Como essa aproximação também veio o encantamento pela escola infantil da comunidade, logo percebi que na escola tudo me parecia diferente, algo me chamava para participar.

Com o término do doutorado, minha orientadora começou a provocação com o pós-doutorado. Conversamos e lhe falei dos meus “não planos”: não iniciar nada no momento que me ocupasse da forma como a universidade me ocupava, não fazer nada que me impedisse de ficar, todas as noites com os meus filhos e, principalmente, não reiniciar um ciclo de correrias e compromissos sem fim. Contei-lhe sobre a comunidade budista, sobre a escola e sobre a minha participação como uma assessora da diretora nos assuntos de gestão escolar e coordenação pedagógica.

A possibilidade de montar um projeto de pós-doutoramento com as questões da Pedagogia das Cinco Sabedorias agradou a mim e a minha orientadora, comecei a montar o projeto e a contar também com as orientações do próprio Lama Padma Samten.

O novo arranjo da minha vida estava aparecendo na frente dos meus olhos.

Minha orientadora teve um papel fundamental, como coloquei na minha tese de doutorado, há vinte anos, o seu olhar me acompanha, às vezes, próximo, às vezes, à distância, mas sempre atento e presente, sempre acolhedor e amigo.

No curso de psicologia era candidata a uma bolsa de iniciação científica. Na época eu não sabia quem era a professora que estava me oferecendo esta oportunidade, também, não podia imaginar que esta professora acompanharia a minha vida profissional por tanto tempo, e que em um momento de crise, de retomada de valores, de necessidade de harmonização interior, seria com ela que eu encontraria o apoio e a ponte, entre a minha caminhada pessoal com a minha caminhada profissional.

O meu primeiro trabalho, com a minha orientadora, foi com uma pesquisa sobre trabalho não-formal e processos educativos de trabalhadores de uma feira de artesanato e antigüidades no Parque da Redenção em Porto Alegre, o “Brique da Redenção”. O trabalho como auxiliar de pesquisa me proporcionou, na prática, a perceber e a compreender as construções do ser humano, as suas conquistas e derrotas, perdas e sucessos.

Da educação para a psicologia: a vontade de ouvir, os questionamentos abertos, a paixão por ouvir histórias de vida, a empatia para compreender, a flexibilidade para aceitar.

Com essa vivência recebi o título de psicóloga, mas não me sentia psicóloga, me sentia educadora. Jovem e recém formada arrisquei ser empreendedora na área da educação, organizei e dirigi um Centro de Aprendizagem Infantil, uma creche. Permaneci somente dedicada a este trabalho, por quatro anos, até decidir voltar para a universidade e fazer o mestrado, fui recebida pela minha orientadora e quando percebi já estava finalizando a minha dissertação.

Tenho feito muitas aproximações com as aprendizagens que fiz na época da pesquisa no Brique da Redenção, costumo falar que esta pesquisa mudou o meu olhar e inaugurou o meu olhar de pesquisadora. Eu freqüentava o brique, como moradora da cidade e este constituía um espaço de lazer no final de semana, a partir do momento em que comecei a frequentar para coletar as histórias dos trabalhadores/expositores, minha visão daquele espaço ficou totalmente modificada, como se descortinasse em minha frente outro universo, ou vários universos, um universo em cada pessoa, em cada história.

As aproximações que tenho feito são em função desta mudança de olhar, pois com os estudos que tive que realizar para compreender a filosofia budista, com a convivência com a comunidade e com o Lama Padma Samten, também fui, aos poucos, descortinando um novo universo, só que um uma diferença, esse universo se mostrou dentro de mim.

O Lama Padma Samten costuma falar em suas palestras que a nossa percepção visual é o conjunto do que está na frente dos nossos olhos com o que possuímos atrás dele, a nossa mente. Os ensinamentos budistas são conteúdos que alimentam a nossa mente e com o que está atrás dos olhos, as imagens na frente dos olhos também são modificadas.

Josso (2010) coloca que tomar decisões que rompem com o estabelecido provocam em nós e nos outros uma grande inquietação e suspeita. Desta forma, como coloca a autora, *eu pude medir, melhor o paradoxo de nossas sociedades industrialmente desenvolvidas, que reside na presença simultânea de uma idealização do individualismo e da tão grande dificuldade em aceitar e viver as diferenças.*(JOSSO, 2010, p.184)

Parar tudo para ver como está, como tudo ficou, o que ficou. No livro de Ouro do Zen originalmente escrito por David Scoot em 1944, reunindo histórias e ensinamentos do Zen Budismo e posteriormente traduzido para o português em 2001, é possível ler sobre as preocupações e questionamentos com a vida, com o que chamam de realidade da vida independente de religião.

A maior parte da humanidade está muito preocupada com suas necessidades habituais (“a luta pela sobrevivência”), sem nunca parar e conscientemente refletir sobre como a vida realmente é. Na verdade, toda a orientação e “cultura” da sociedade conspiram, por assim dizer, contra tal reflexão: assim sendo o ser humano realmente vive em “terras estrangeiras”. Todavia, muitas vezes chega uma hora em que, quase instintivamente, mesmo a pessoa mais ocupada e materialista, sente-se forçada a buscar harmonia com sua vida e seu verdadeiro Self. (SCOOT, 2001, p.62)

Com essas causas e condições dei início ao projeto de pós-doutorado, percebi o meu estranhamento e o estranhamento dos outros em relação a mim. O importante era que me sentia no caminho, no meu caminho, caminhando para mim e neste caminho encontrei muitos

autores que já vivenciaram e relataram situações semelhantes. O relato desses autores foram para mim como mapas da mina, pistas para ter a segurança de seguir.

Qual era meu esquema humano? Quais eram as dimensões a levar em conta em minha vida? Como viver harmonizando essas dimensões? Quais eram os efeitos do meu modo de vida sobre o meu estado de espírito? Onde se muniam minhas intenções? (JOSSO, 2010, p.184)

A Pedagogia das Cinco Sabedorias

Os fenômenos da vida podem ser comparados a um sonho, a um fantasma, a uma bolha, a uma sombra, a uma orvalhada cintilante ou a um raio luminoso; e como tal deveriam ser contemplados – Buda, in O Sutra Imutável.

Quando iniciei o trabalho de observação na Escola Infantil Caminho do Meio, vários pontos chamaram a minha atenção. O fato da maioria dos professores serem do sexo masculino, as cinco sabedorias dos budas serem trabalhadas em bimestres durante o ano, todos professores e professoras eram praticantes de meditação e tinham tutores para as aprendizagens budistas, as intervenções com as crianças eram realizadas em um ritmo que eu considerava lento.

A palavra lento me acompanhou este primeiro momento, achava que haviam coisas para arrumar que poderiam ser feitas rapidamente, mas nada era rapidamente, tudo tinha um ritmo próprio. Esta constatação da diferença entre o meu ritmo e o ritmo da escola fez com que eu optasse pelo silêncio técnico. Observei, conversei, mas sem interferir tecnicamente, esse foi o meu primeiro grande exercício, suspender os meus conhecimentos sobre educação infantil, ali eles pouco serviriam. Minha sensação era de que a minha intervenção seria até prejudicial, trazendo dúvidas aos professores em relação aos seus procedimentos do cotidiano.

Comecei então assessorando diretamente a diretora da escola, ela listou dúvidas que possuía para que eu pudesse ajudá-la com a minha experiência. Neste momento surgiu uma forte conexão, me vi nas atitudes e inseguranças da diretora. Como já havia passado pela experiência de organizar uma instituição de educação infantil, compreendia muito bem a sua ansiedade, a vontade de acertar, a vontade de ver tudo bem, o desejo de fazer da escola um espaço de convívio agradável tanto para os professores, quanto para as crianças. Como a equipe era nova e com características próprias a gestão precisava ser cuidadosa e com todo cuidado começamos a conversar e a refletir sobre algumas situações vivenciadas na escola. Comecei a perceber que podia ajudar, podia falar sobre o que eu sabia, depois de conversarmos, elaborávamos formas de passar as sugestões para os professores.

No decorrer de um ano eu já sabia um pouco sobre o que seria a Pedagogia das Cinco Sabedorias e a escola também já estava visivelmente mudada, não só em função das sugestões por mim apontadas, mas pelo movimento do grupo, professores começaram a se apropriar da condição de ser professor e as idéias começaram a florescer. A equipe também se transformou algumas pessoas

saíram, outras entraram e as que ficaram mostraram-se motivadas não só em serem praticantes das sabedorias, mas em serem professores que aplicam as sabedorias.

Para a formação dos professores a própria escola organizou um curso de formação que é contínuo e ocorre em alguns finais de semana durante o ano. Vários profissionais são envolvidos nesta formação, inclusive eu pude em um sábado conversar sobre rotina na educação infantil e elaborar junto com os professores um esboço de rotina que cada um pudesse aplicar com a sua turma. Faz parte da formação compreender as cinco sabedorias e para isto o próprio Lama Padma Samtén tem encontros com os professores.

Inicialmente nas conversas e palestras com o Lama a minha dificuldade era muito semelhante à dificuldade descrita por Jung (2001) quando um ocidental, tenta praticar ou compreender os ensinamentos orientais. A cultura do ocidente é uma cultura voltada para fora que gera um homem extrovertido, um Deus fora e que a cultura do oriente é uma cultura voltada para dentro e que gera um homem introvertido que busca encontrar-se com o espírito superior a partir de si.

O Ocidente cristão considera o homem inteiramente dependente da graça de Deus ou da Igreja, na sua qualidade de instrumento terreno exclusivo da obra de redenção sancionada por Deus. O Oriente, pelo contrário, sublinha o fato de que o homem é a única causa eficiente de sua própria evolução superior; o Oriente, com efeito, acredita na “autorredenção”.
(JUNG, 2011, p.18)

Outro aspecto sublinhado por Jung (2011, p.19) é o valor que o homem ocidental dá ao humano, *a criatura humana é algo infinitamente pequeno um quase nada*, para o oriente o humano e seus pensamentos, ou seja, a sua mente, é infinitamente poderosa, tudo começa com a mente, a mente é a criadora de tudo, percepções, sentimentos, situações.

Na formação de professores o Lama sempre coloca que compreender as operações da mente é fundamental para os processos educativos e que o objetivo da escola seria de “elear” e não educar. No seu entendimento quando educamos estamos preparando para algo conhecido e quando elevamos estamos conquistando condições para o desconhecido, estamos dando possibilidade para o novo.

A primeira condição para elevar-se é tomar para si o processo de evolução e de liberação, dessa forma a prática da meditação é fundamental para que sejam atingidos outros níveis de entendimento.

Na minhas leituras encontrei as cinco sabedorias como antídotos para os venenos da mente, o Lama costuma falar que são conteúdos para colocarmos atrás dos olhos. Para a minha compreensão vejo as cinco sabedorias como um conteúdo que uma vez em nossas mentes transforma o nosso olhar e as nossas ações.

As cinco sabedorias são, originalmente, as sabedorias dos cinco Dhyani Budas.

A palavra dhyani deriva do sânscrito dhyana, que significa “meditação”. Os Budas Dhyani são e considerados grandes curadores da mente e da alma. Não são figuras históricas como Gautama Buda, mas seres transcendentais que simbolizam forças ou princípios divinos universais. São considerados budas celestiais visualizados durante a meditação.

(SAMTEN, 2006,p.34)

Quando entramos em um templo budista tibetano, ou em regiões em que o budismo tibetano é praticado, visualizamos bandeiras coloridas nas cores azul, amarelo, vermelho, verde e branco. Cada uma das cores simboliza uma sabedoria.

A cor azul simboliza o acolhimento. O acolhimento acontece quando temos a capacidade de entender o outro, no mundo dele e nos reconhecemos no outro, por isto também é chamada de sabedoria do espelho.

A cor amarela simboliza a equanimidade. Quando ocorre a superação do apego a um eu, como referencial de nossas vidas, podemos entender a igualdade de todos os seres. Neste ponto a capacidade de efetivamente mover-se para beneficiar os seres surge de modo natural. Nesta sabedoria temos as qualidades potencializadas.

A cor vermelha simboliza a sabedoria discriminativa, seria a fase em que conseguimos superar os nossos condicionamentos a agir, independente do estímulo externo, ou seja, não respondemos com agressividade a quem nos é agressivo, não respondemos com amor e compaixão apenas aos que conosco são compreensíveis e amorosos.

A cor verde simboliza a causalidade. Quando percebemos que cada ato, cada pensamento tem uma causa e terá uma conseqüência, cuidamos os nossos pensamentos e ações para não gerarmos negatividades para nós e para os outros e também impedimos que uma pessoa próxima gere negatividade para ela, ou para outros.

A cor branca simboliza a não concretude das coisas. Quando conseguimos perceber a impermanência, deixamos de nos preocupar demasiadamente com algo, ou alguém, exercitamos o desapego.

Toda a comunidade e a escola estão permeados pelas sabedorias e fazem do seu cotidiano a prática das sabedorias. Cada sabedoria precisa ser construída internamente para ser externada em forma de ação.

Com o passar do tempo os professores vão praticando no ser fazer as sabedorias, tanto na prática educativa quanto na sua vida particular, podendo gradativamente, ir vislumbrando novos aspectos de cada uma das sabedorias, realizando uma organização coemergente que

como resultado vai sendo incorporado as próprias características da personalidade do educador, e conseqüentemente em seus pensamentos, falas e ações.

Muito se fala em cultura de paz, mas poucas são as situações em que, integralmente, no contexto escolar se vivencia a atenção constante a esse objetivo. O presente estudo propicia compartilhar de um ambiente educativo de cultura de paz. Registrar o fazer, o pensar e o agir dos educadores que estão continuamente sendo inspirados pelo Dharma, pela Sanga, pelo Buda e pelo Lama a guiarem suas ações pessoais e profissionais para gerarem bem estar aos outros e a aplicarem a sabedoria dos budas no seu contato com a comunidade escolar, é o foco de atenção da presente proposta.

Para além da formação até então, as histórias de vida e formação destas pessoas poderiam rascunhar uma proposta de formação para outros educadores que desejem também serem propagadores da paz, do bem estar, da responsabilidade universal.

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena M. B. *Profissionalização docente e identidade – narrativas na primeira pessoa*. In: SOUZA, Elizeu Clementino (org). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp.189-203, 2006.
- CASTRO, Alexander Soares de. *O budismo como prática educacional transformadora*. Niterói-RJ/UFF, 2008. Tese (Doutorado em Educação)
- ERBS, Rita T.C. *Pais e o primeiro contato com Instituições de Educação Infantil*. Porto Alegre, PUCRS, (Dissertação de Mestrado), 2001.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- , Marie-Christine. *Caminhar de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião oriental*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SAMTEN, Padma. *Mandala do Lótus*. São Paulo: Petrópolis, 2006.
- SCOTT, David. *O Livro de Ouro do Zen*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2001.
- USARSK, F. (org). *O budismo no Brasil*. São Paulo: Larosae, 2002.